

BABY GIRL AMARRAS DO DESEJO

Roseli Gimenes¹

Jorgina Francisca Severino dos Santos²

BABY GIRL: Bonds of desire

BABY GIRL: Amarres del deseo

RESUMO

O filme *Baby Girl* explora, por meio de suas dinâmicas de personagens e suas relações, temas psicanalíticos centrais como desejo, compulsão à repetição, e as tensões entre dominação e submissão. A partir de uma perspectiva psicanalítica, é possível observar como o conceito de *bondage* - tanto físico quanto simbólico - é utilizado para representar as amarras psicológicas e emocionais que aprisionam os protagonistas. O uso do *bondage* no filme se conecta ao desejo lacaniano em que os personagens buscam incessantemente preencher uma falta que nunca é completamente saciada, refletindo o ciclo constante de desejo insatisfeito que caracteriza a psique humana. O filme reflete as complexas relações entre o sujeito e as normas sociais (superego) que atuam como amarras invisíveis, restringindo as escolhas dos personagens e moldando suas ações. Nesse contexto, *Baby Girl* pode ser interpretado como uma metáfora para a luta interna do sujeito entre o desejo de liberdade e a necessidade de submissão a uma estrutura mais ampla, seja ela social, familiar ou emocional. Por meio de recursos visuais como enquadramentos claustrofóbicos e o uso de luz e sombra, o filme reforça a sensação de aprisionamento dos personagens. No entanto, momentos de maior liberdade e movimento sugerem a possibilidade de libertação das amarras, convidando o público a refletir sobre os limites entre as estruturas de poder e a autonomia individual. A obra cinematográfica não apenas explora o *bondage* físico e psicológico, mas também propõe uma reflexão sobre as relações de poder, as compulsões de repetição e as possibilidades de transformação e libertação dos personagens.

Palavras-chave: Baby Girl, cinema e psicanálise, bondage.

ABSTRACT

The film *Baby Girl* explores, through its character dynamics and relationships, central psychoanalytic themes such as desire, repetitive compulsion, and the tensions between domination and submission. From a psychoanalytic perspective, it is possible to observe how the concept of *bondage* - both physical and symbolic - is used to represent the psychological

¹ Email: rosegi@icloud.com

² Graduada em Ciências Sociais e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Email: jorgina.f.santos@gmail.com

and emotional bonds that imprison the protagonists. The use of bondage in the film connects to the Lacanian desire in which the characters incessantly seek to fill a lack that is never completely satisfied, reflecting the constant cycle of unsatisfied desire that characterizes the human psyche. In addition, the film reflects the complex relationships between the subject and social norms (superego) that act as invisible bonds, restricting the characters' choices and shaping their actions. In this context, Baby Girl can be interpreted as a metaphor for the subject's internal struggle between the desire for freedom and the need for submission to a broader structure, be it social, familial or emotional. Through visual resources such as claustrophobic framing and the use of light and shadow, the film reinforces the characters' sense of imprisonment. However, moments of greater freedom and movement suggest the possibility of liberation from the bonds, inviting the audience to reflect on the limits between power structures and individual autonomy. The film not only explores physical and psychological bondage, but also proposes a reflection over relations of power, repetitive compulsions and the possibilities of transformation and liberation of the characters.

Key words: Baby Girl, cinema and psychoanalysis, bondage.

RESUMEN

La película Baby Girl explora, a través de la dinámica de sus personajes y sus relaciones, temas psicoanalíticos centrales como el deseo, la compulsión a la repetición y las tensiones entre dominación y sumisión. Desde una perspectiva psicoanalítica, es posible observar cómo el concepto de esclavitud, tanto física como simbólica, es utilizado para representar los lazos psicológicos y emocionales que aprisionan a los protagonistas. El uso de la esclavitud en la película se conecta con el deseo lacaniano en el que los personajes buscan incesantemente llenar una carencia que nunca se satisface por completo, lo que refleja el ciclo constante de deseo insatisfecho que caracteriza la psique humana. Además, la película refleja las complejas relaciones entre el sujeto y las normas sociales (superyó) que actúan como restricciones invisibles, restringiendo las elecciones de los personajes y moldeando sus acciones. En este contexto, Baby Girl puede interpretarse como una metáfora de la lucha interna del sujeto entre el deseo de libertad y la necesidad de sumisión a una estructura más amplia, ya sea social, familiar o emocional. A través de recursos visuales como el encuadre claustrofóbico y el uso de la luz y la sombra, la película refuerza la sensación de encarcelamiento de los personajes. Sin embargo, los momentos de mayor libertad y movimiento sugieren la posibilidad de liberación de las restricciones, invitando al público a reflexionar sobre los límites entre las estructuras de poder y la autonomía individual. La película no sólo explora la esclavitud física y psicológica, sino que también propone una reflexión sobre las relaciones de poder, las compulsiones de repetición y las posibilidades de transformación y liberación de los personajes.

Palabras clave: Baby Girl, cine y psicoanálisis, bondage.

Introdução

O filme *Baby Girl* é de 2024, estreou no Brasil em 2025, é dirigido por [Halina Reijn](#). *Baby Girl* é um thriller erótico estrelado por Nicole Kidman como Romy, uma executiva bem-sucedida que coloca sua carreira e família em risco ao se envolver em um caso tórrido com seu

estagiário mais jovem, Samuel, interpretado por Harris Dickinson. Antônio Banderas também integra o elenco, interpretando Jacob, o marido de Romy.

A narrativa explora temas como desejo, poder e as complexas dinâmicas de relacionamentos no ambiente corporativo. O filme foi bem recebido pela crítica, com destaque para a atuação de Nicole Kidman, considerada uma das mais ousadas de sua carreira. No Rotten Tomatoes, *Baby Girl* alcançou 92% de aprovação, refletindo seu sucesso entre os críticos.

A direção de Halina Reijn oferece uma perspectiva feminina ao gênero de suspense erótico, trazendo uma abordagem contemporânea e provocativa ao tema. O suspense erótico fica por conta do uso do *Bondage*, O termo *Bondage* refere-se a uma prática dentro do BDSM (*Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo*) que envolve a restrição física do corpo por meio de amarras, algemas, cordas, fitas, correntes ou outros dispositivos. O objetivo pode ser estético, sensorial ou psicológico, explorando sensações de vulnerabilidade e entrega dentro de um contexto seguro e consensual.

As origens e contextos do termo têm raízes históricas em diversas culturas, incluindo o *Shibari*, uma forma japonesa de arte de amarração corporal. Do ponto de vista psicológico, para alguns praticantes, a restrição física intensifica a excitação ou proporciona um estado de relaxamento e entrega. Há um importante fator de segurança no BDSM, porque a prática segue o princípio do SSC (São, Seguro e Consensual), garantindo que todas as partes envolvidas estejam cientes e confortáveis.

Na cultura popular, o *Bondage* ganhou destaque em filmes, literatura e na moda alternativa, sendo associado tanto à estética quanto à expressão erótica.

Por meio de suas imagens e narrativas, *Baby Girl* nos convida a refletir sobre as amarras que nos definem, sejam elas físicas, emocionais ou sociais, ecoando conceitos psicanalíticos como o desejo, o superego e a repetição.

Essa abordagem ecoa conceitos psicanalíticos fundamentais como desejo, superego e repetição, que moldam a psique humana e influenciam nossas escolhas.

Na psicanálise lacaniana, o desejo nunca é plenamente satisfeito porque está sempre em busca de um **objeto a**, algo inalcançável que mantém sua força pulsional. A protagonista Romy, ao se envolver com um homem mais jovem, rompe com as expectativas sociais e familiares, evidenciando o desejo como uma força transgressora. No entanto, essa transgressão não leva à realização plena, mas a novas frustrações, refletindo a natureza insaciável do desejo.

O superego, conceito freudiano que representa as normas e valores internalizados, atua como um agente de repressão. No filme, Romy enfrenta a tensão entre seu desejo (*id*) e as imposições morais da sociedade (superego), gerando culpa e autocontrole. O fato de ela ser uma mulher madura e poderosa intensifica essa dualidade, já que a sociedade tende a julgar mulheres que desafiam normas etárias e relacionais.

O conceito de compulsão à repetição, presente na psicanálise freudiana, sugere que os indivíduos frequentemente retornam a padrões destrutivos de comportamento, mesmo quando conscientes das consequências. O envolvimento de Romy com Samuel pode ser visto como uma repetição de padrões inconscientes, possivelmente ligados a relações passadas ou à necessidade de reafirmar sua identidade em um ambiente que a marginaliza com o tempo.

O título *Baby Girl* remete à forma como Romy é vista e tratada - como uma mulher que oscila entre fragilidade e poder, desejo e controle. Essa ambiguidade revela as amarras físicas, o envelhecimento como uma prisão biológica e a juventude como uma mercadoria; emocionais, a luta entre autonomia e dependência afetiva e sociais, o julgamento sobre o desejo feminino e a pressão para manter uma imagem pública impecável.

O filme, portanto, não apenas explora o erotismo e o poder, mas nos coloca diante do espelho da nossa própria condição psíquica e social, questionando os limites entre liberdade e aprisionamento, desejo e interdição.

Dito de outra forma, o filme *Baby Girl* nos convida a refletir sobre as diversas amarras que nos definem - físicas, emocionais e sociais - ao apresentar uma protagonista que transita entre desejo, culpa e poder. A trama, centrada no envolvimento de Romy (Nicole Kidman) com um homem mais jovem, evoca conceitos psicanalíticos fundamentais, como o desejo, o superego e a repetição.

Na psicanálise lacaniana, o desejo é estruturado pela falta, ou seja, ele nunca pode ser plenamente satisfeito. Romy, ao se envolver com um estagiário, busca algo que está além do prazer imediato - talvez a juventude perdida, a reafirmação do poder ou a quebra de uma rotina aprisionadora. Seu desejo é um sintoma de algo mais profundo, um vazio que ela tenta preencher.

O superego, instância psíquica que impõe normas e interditos, está presente na forma da moralidade social e das expectativas que pesam sobre Romy. Como mulher de carreira consolidada e esposa, ela se vê dividida entre a busca do prazer e as exigências da sociedade

que ditam o que é aceitável para uma mulher em sua posição. O filme nos faz questionar até que ponto nossas escolhas são realmente nossas, e até que ponto são ditadas por essa instância punitiva?

Freud descreve o conceito de compulsão à repetição no qual indivíduos revivem padrões inconscientes, mesmo quando isso os leva ao sofrimento. Se Romy se envolve em um caso que pode destruir sua vida, será que está repetindo algo já vivido? Será que esse ato representa uma tentativa inconsciente de lidar com um conflito psíquico mal resolvido? O filme sugere que nossas amarras não são apenas externas, mas profundamente internas, moldadas pela nossa história e desejos reprimidos.

Assim, *Baby Girl* se torna um espelho de nossos próprios dilemas, nos forçando a questionar quais são as amarras invisíveis que nos limitam - e se, em algum momento, temos a coragem de rompê-las.

O conceito de *Bondage* no filme

No filme *Baby Girl* (2024), dirigido por Halina Reijn, são exploradas diversas formas de amarras, tanto físicas quanto simbólicas que se manifestam por meio de cenas de restrição física e dinâmicas de poder e dependência emocional.

Observemos as restrições físicas (*Bondage Literal*), embora o filme não apresente cenas explícitas de *bondage* no sentido tradicional, há momentos que sugerem restrições físicas e submissão. Por exemplo, durante os encontros entre Romy (Nicole Kidman) e Samuel (Harris Dickinson), a dinâmica de poder é frequentemente invertida, com Romy assumindo uma postura submissa, contrastando com sua posição de autoridade no ambiente corporativo. Essas cenas, embora não envolvam amarras físicas explícitas, simbolizam a entrega e a vulnerabilidade de Romy diante de Samuel.

Quanto às relações de poder e dependência emocional (*Bondage Simbólico*), o filme destaca-se na representação de amarras simbólicas, especialmente nas relações de poder e dependência emocional. Há uma dinâmica corporativa. Romy é a CEO de uma empresa de tecnologia, ocupando uma posição de autoridade. Seu envolvimento com Samuel, um estagiário mais jovem, inverte as expectativas tradicionais de poder, criando uma tensão entre sua posição profissional e seus desejos pessoais. Essa relação evidencia as amarras sociais e profissionais que limitam as expressões individuais.

Ocorre, então, submissão e controle nos encontros íntimos, Romy experimenta uma forma de submissão que contrasta com seu papel dominante na vida profissional. Essa dualidade reflete as amarras internas e externas que influenciam seu comportamento e escolhas.

Evidente que pressões sociais e familiares aparecem. Romy enfrenta expectativas sociais relacionadas ao seu papel como mãe, esposa e executiva. Essas pressões funcionam como amarras simbólicas, restringindo sua liberdade e influenciando suas decisões.

Baby Girl utiliza tanto elementos literais quanto simbólicos para explorar as diversas formas de amarras que moldam e restringem a vida de sua protagonista, oferecendo uma reflexão profunda sobre poder, desejo e identidade.

Em *Baby Girl*, as cenas que exploram restrição e submissão refletem diretamente as dinâmicas de poder entre os personagens, estabelecendo uma tensão entre controle e dependência como Inversão de Poder. A relação entre Romy (Nicole Kidman) e Samuel (Harris Dickinson) oscila entre dominação e entrega. Embora Romy seja uma mulher poderosa no mundo corporativo; nos momentos de intimidade, há uma inversão simbólica: Samuel assume um papel dominante, enquanto Romy experimenta uma forma de submissão, desafiando as amarras que sua posição social e profissional impõe. Surge uma metáfora para essas amarras psicológicas. Em diversas cenas, a dependência emocional e o desejo reprimido funcionam como formas de *bondage* simbólico. Romy se vê presa a uma dinâmica de repetição inconsciente em que sua busca por liberdade emocional acaba reforçando sua vulnerabilidade. Isso joga com controle e vulnerabilidade, o jogo entre desejo e interdição permeia o filme, criando um embate entre o prazer e o peso da culpa. A cada novo encontro, Romy parece mais enredada nessa relação, o que ressalta a ideia de que algumas prisões são invisíveis e autoimpostas.

Essas dinâmicas reforçam que o verdadeiro *bondage* em *Baby Girl* não se dá apenas no nível físico, mas principalmente nas tensões psicológicas e sociais que amarram os personagens em seus próprios dilemas internos.

Psicanálise e o desejo

Em *Baby Girl*, conceitos psicanalíticos como o desejo, o complexo de Édipo e a pulsão são fundamentais para compreender as motivações e dinâmicas entre os personagens.

Jacques Lacan propõe que o desejo é estruturado pela falta, sendo uma busca incessante por algo que nunca é plenamente alcançado. Romy (Nicole Kidman), uma CEO bem-sucedida, sente um vazio interior que a impulsiona a buscar experiências que transcendam sua rotina controlada. Seu envolvimento com Samuel (Harris Dickinson), um estagiário mais jovem, reflete essa busca por um objeto de desejo que simbolize a liberdade e a vitalidade ausentes em sua vida. No entanto, essa relação não preenche completamente sua falta, perpetuando o ciclo de desejo insatisfatório. Isso nos leva a buscar Freud em relação ao complexo de Édipo, um estágio em que o indivíduo desenvolve desejos inconscientes em relação ao genitor do sexo oposto e sentimentos de rivalidade com o genitor do mesmo sexo. Embora o filme não aborde explicitamente essa dinâmica, a relação entre Romy e Samuel pode ser interpretada como uma manifestação simbólica desse complexo. Romy, ao se envolver com um homem mais jovem, pode estar revivendo inconscientemente desejos edípianos, buscando no parceiro características associadas a figuras parentais ou tentando resolver conflitos internos relacionados a essas primeiras relações.

Ainda com Freud analisamos o conceito de pulsão como uma força interna que motiva o comportamento humano, dividida entre pulsões de vida (Eros) e de morte (Thanatos). Romy experimenta uma tensão entre essas duas forças. A pulsão de vida (Eros) em sua busca por prazer e conexão emocional com Samuel representa o desejo de vivência, criatividade e união. Já a pulsão de morte (Thanatos), ao mesmo tempo, indica seu envolvimento em uma relação potencialmente destrutiva e arriscada que mostra uma tendência autodestrutiva, uma busca pelo caos que contrasta com sua vida ordenada.

A interação entre essas pulsões reflete a complexidade da psique de Romy que oscila entre a busca por prazer e a atração pelo risco e pela transgressão.

Baby Girl utiliza esses conceitos psicanalíticos para aprofundar a compreensão dos personagens, revelando as motivações inconscientes que os levam a buscar incessantemente por algo que preencha suas lacunas internas, mesmo que isso os conduza a situações de conflito e ambiguidade moral.

Bondage como repetição e compulsão

No filme, o *bondage* pode ser interpretado não apenas como uma prática física, mas como um reflexo do conceito psicanalítico de repetição, conforme descrito por Freud. A

compulsão à repetição refere-se à tendência dos indivíduos de reviver padrões inconscientes, mesmo que sejam autodestrutivos.

O *Bondage* e a Repetição Psicanalítica apontam aprisionamento psicológico. Romy (Nicole Kidman) se envolve com Samuel (Harris Dickinson) em uma relação que aparenta ser libertadora, mas que, na verdade, a prende em um ciclo de busca e frustração. O controle e a submissão presentes na relação não são apenas físicos, mas representam uma repetição de padrões emocionais que Romy não consegue romper.

O desejo insatisfeito de Romy a leva a reviver experiências que se tornam aprisionantes. A repetição do vínculo com Samuel pode ser vista como uma tentativa inconsciente de resolver conflitos internos, mas, ao contrário, ela se vê cada vez mais enredada em uma dinâmica de prazer e culpa.

Em algumas cenas, a representação de restrições físicas sugere que os personagens, mesmo quando acreditam estar no controle, estão na verdade encenando uma compulsão que os aprisiona. Isso ressoa com a ideia freudiana de que o sujeito retorna continuamente ao trauma, revivendo-o sem conseguir superá-lo.

Na obra, o *bondage* ultrapassa a dimensão física e se torna uma metáfora para a repetição psíquica em que os personagens, presos às suas próprias pulsões, reencenam padrões de desejo, submissão e autossabotagem.

A dificuldade de romper com as amarras, tanto físicas quanto emocionais, é um dos eixos centrais da narrativa. O filme sugere que os personagens estão presos a ciclos de desejo, culpa e repetição, sem conseguir escapar de padrões autodestrutivos.

A relação entre Romy e Samuel como reencenação mostra que Romy (Nicole Kidman), apesar de ser uma mulher poderosa no ambiente corporativo, se entrega a uma relação que reforça sua vulnerabilidade. O envolvimento com Samuel (Harris Dickinson) não é apenas uma busca pelo prazer, mas também um ato de repetição de uma dinâmica que parece familiar, sugerindo traumas ou lacunas emocionais não resolvidas.

As cenas mais íntimas do filme, que remetem ao *bondage*, podem ser vistas como uma representação física da compulsão à repetição. A restrição dos movimentos de Romy nos momentos de submissão reflete sua dificuldade em se libertar das amarras internas que a mantêm presa ao ciclo de busca e frustração.

Freud sugere que a compulsão à repetição leva o sujeito a reviver experiências dolorosas, como uma tentativa inconsciente de dominá-las. Em *Baby Girl*, Romy acredita estar no controle de sua vida e desejos, mas sua relação com Samuel revela que ela continua aprisionada em padrões inconscientes, repetindo os mesmos conflitos e sofrendo as mesmas frustrações.

O filme mostra que romper com essas amarras não é apenas uma questão de vontade, mas um desafio profundo da psique. Mesmo quando Romy parece tentar se libertar, algo a puxa de volta para o ciclo de desejo e culpa, ilustrando a dificuldade de escapar da repetição que estrutura sua subjetividade.

O papel do superego e das amarras sociais

Em *Baby Girl*, o superego e as normas sociais atuam como formas de *bondage* simbólico, restringindo os personagens e moldando suas ações, muitas vezes sem que eles percebam. A tensão entre desejo e interdição permeia a narrativa, revelando como as regras sociais e os imperativos internos aprisionam os protagonistas em ciclos de culpa e repressão.

Há a presença do Superego e Culpa, o *Bondage* invisível em:

Romy e a Voz do Superego. Sigmund Freud descreve o superego como a instância psíquica responsável por impor normas morais e sociais ao indivíduo, funcionando como uma voz interna que dita o que é certo ou errado. No filme, Romy sente o peso das expectativas que recaem sobre ela como CEO, mãe e mulher madura. Sua relação com Samuel vai contra essas normas, gerando um conflito interno entre desejo e culpa. Mesmo quando busca prazer, ela nunca escapa completamente da censura do superego, que a prende a um ciclo de autorrecriminação.

Isso tudo revela as normas sociais como restrições invisíveis. O filme sugere que as amarras não são apenas físicas, mas também estruturais. O julgamento social sobre relacionamentos com grande diferença de idade, o papel da mulher no mundo corporativo e as expectativas sobre desejo e autonomia são formas de *bondage* simbólico que restringem Romy. Ela tenta transgredir essas normas, mas a culpa e o medo da exposição a fazem hesitar.

A ilusão de liberdade e a reafirmação da ordem ocorrem mesmo nos momentos em que Romy parece desafiar essas restrições, há sempre um retorno ao ponto inicial. Isso reflete

a força do superego e das normas sociais, que operam como amarras invisíveis, mantendo os personagens presos a padrões de comportamento internalizados.

O verdadeiro *bondage* não se limita ao nível físico, mas está presente na psique dos personagens, na forma de culpa, repressão e normas sociais internalizadas. A luta de Romy para conciliar seu desejo com as expectativas impostas pela sociedade ilustra como o superego e as regras culturais funcionam como dispositivos de controle, moldando sua subjetividade e restringindo suas ações, mesmo quando ela acredita estar no controle.

A narrativa oscila entre a crítica e a reafirmação das estruturas sociais que restringem os personagens, mostrando como as normas culturais, o superego e as dinâmicas de poder atuam como amarras invisíveis.

E, evidentemente, o filme aponta crítica às estruturas sociais como formas de controle como a expectativa de gênero e a censura ao desejo feminino. O filme sugere que, enquanto homens mais velhos namorando mulheres jovens são vistos com naturalidade, o contrário gera desconforto e julgamento. Romy desafia essa expectativa ao se envolver com Samuel, mas enfrenta olhares de reprovação e um sentimento interno de culpa. Isso expõe a desigualdade no modo como a sociedade regula o desejo feminino, reforçando a ideia de que há limites invisíveis para sua liberdade.

Assim, vem o papel do trabalho como forma de aprisionamento. Romy, como CEO de uma grande empresa, personifica a mulher bem-sucedida que conquistou um espaço historicamente masculino. No entanto, essa posição também a isola e a prende a um conjunto de regras rígidas sobre como deve se comportar, o que a impede de viver plenamente seus desejos. A empresa funciona como um espaço de vigilância em que sua autoridade depende da negação de sua vulnerabilidade emocional.

Essas estruturas são reforçadas no filme pelo ciclo de culpa e punição. Embora Romy tente romper com as normas que a restringem, o filme mostra que essa transgressão tem consequências. Seu envolvimento com Samuel não é romantizado como libertador; pelo contrário, ele leva a uma crise que a faz recuar. O roteiro sugere que, por mais que se tente escapar, há forças sociais e psíquicas que sempre puxam de volta ao ponto inicial para que haja a reafirmação da ordem. No desfecho, Romy parece reconhecer que a sociedade impõe limites intransponíveis. Se há uma crítica à repressão do desejo, há também a aceitação implícita de

que transgredir essas normas pode ser autodestrutivo. Dessa forma, *Baby Girl* não propõe uma libertação real, mas um embate entre impulso e restrição, desejo e interdição.

O filme, ao retratar as dificuldades de Romy, funciona como uma reflexão sobre as amarras invisíveis da sociedade. Ele expõe as contradições da liberdade individual dentro de um sistema que continuamente reforça padrões rígidos. No entanto, ao sugerir que o preço da transgressão pode ser alto demais, *Baby Girl* também acaba reafirmando, em certa medida, essas mesmas estruturas.

Cinema como espaço de libertação

O filme não apenas retrata as amarras que restringem os personagens, mas também usa a própria linguagem cinematográfica para explorar e, em certos momentos, libertá-los desses limites. Por meio de escolhas estéticas, narrativas e simbólicas, o filme cria um espaço em que o desejo, a culpa e a transgressão podem ser vivenciados sem as mesmas consequências do mundo real.

O corpo como texto, a estética do desejo e da restrição. A cinematografia dessa obra enfatiza o corpo dos personagens como um território de conflito e descoberta. Cenas de close-ups, enquadramentos sufocantes e contrastes entre luz e sombra revelam o embate entre repressão e libertação. O uso do *bondage* como metáfora visual reforça esse jogo de poder e desejo, permitindo que o espectador vivencie o dilema dos personagens de forma visceral, assim como é possível vislumbrar a narrativa como espaço de transgressão. Diferente da realidade, em que as normas sociais impõem limites rígidos, o cinema oferece um espaço em que essas barreiras podem ser experimentadas e desafiadas. O relacionamento entre Romy e Samuel que, na vida real, poderia ser condenado, no filme se torna um campo de exploração emocional e psíquica. Nele, o desejo pode ser vivido sem a censura total do superego social, ainda que acompanhado de culpa e consequências.

Tudo isso oferece a ilusão de liberdade e a ambiguidade do final. O filme não oferece uma libertação definitiva, mas abre espaço para reflexão. Contrário de apresentar uma solução clara para as amarras que prendem Romy, permite que o espectador navegue pelas contradições do desejo e da repressão. O cinema, nesse sentido, se torna um lugar em que essas tensões podem ser sentidas e processadas, sem necessariamente serem resolvidas.

Enquanto obra cinematográfica, a obra funciona como um espaço de exploração das amarras sociais e psíquicas em que a transgressão pode ser vivida de forma simbólica. Mesmo que a narrativa reforce, em certos momentos, a inevitabilidade da repressão, o filme abre uma brecha para questionar e experimentar os limites do desejo, permitindo ao espectador refletir sobre sua própria relação com essas estruturas.

O uso da estética visual para expressar restrição e liberdade em *Baby Girl*

O filme utiliza recursos visuais como enquadramentos, paleta de cores e montagem para intensificar a sensação de aprisionamento e, ocasionalmente, sugerir momentos de libertação. A cinematografia trabalha ativamente para reforçar os temas centrais da narrativa, tornando visível o conflito entre desejo, controle e as amarras sociais e psíquicas que prendem os personagens com enquadramentos claustrofóbicos e a sensação de restrição, a câmera frequentemente captura Romy em planos fechados e enquadramentos que limitam seu espaço visual, reforçando sua sensação de sufocamento dentro das expectativas sociais e de seu próprio superego. As cenas de *bondage* são filmadas de forma intimista com ângulos que destacam o corpo contido, ressaltando a tensão entre desejo e submissão.

Em diálogos importantes, o filme usa composições assimétricas, colocando Romy em um canto da tela, visualmente diminuída, sugerindo sua impotência diante das amarras invisíveis que a cercam.

A paleta de cores fica entre a frieza da repressão e o calor do desejo, usando tons frios e azulados que dominam as cenas no ambiente corporativo e nos momentos de introspecção de Romy, indicando sua rigidez emocional e o controle imposto pelas normas sociais. Em contraste, nas cenas com Samuel, a fotografia adota tons mais quentes e avermelhados, remetendo ao desejo e à transgressão, mas também ao perigo da exposição e da culpa. A transição de cores ao longo do filme sugere o embate entre razão e impulso, reforçando visualmente o dilema da protagonista.

A montagem e ritmo usam o conflito entre controle e entrega. O filme alterna entre cortes rápidos em momentos de tensão psicológica e planos longos nas cenas de maior entrega emocional. Isso cria um contraste entre a tentativa de controle e os momentos de vulnerabilidade. Em sequências de introspecção, a montagem fragmentada reflete o estado mental de Romy com cortes bruscos e descontinuidades que sugerem um turbilhão interno e

sua dificuldade de encontrar estabilidade. Nos momentos em que Romy tenta se libertar, a câmera se torna mais fluida, com movimentos de *steadicam* ou planos mais abertos, sugerindo uma possível fuga das restrições que a cercam.

Por meio de suas escolhas visuais, *Baby Girl* constrói um universo em que a restrição e a liberdade são não apenas temas narrativos, mas experiências sensoriais para o espectador. O uso de enquadramentos apertados, cores simbólicas e uma montagem que reflete a psique dos personagens intensifica a imersão no dilema da protagonista, transformando o próprio cinema em um espaço de exploração das tensões entre desejo e repressão.

Amarrando e soltando

Em *Baby Girl*, o conceito de *bondage* vai além do elemento físico, tornando-se uma metáfora para as restrições psíquicas, sociais e emocionais que aprisionam os personagens. O filme explora temas psicanalíticos como o desejo insatisfeito (Lacan), a compulsão à repetição (Freud) e a influência do superego e das normas sociais na construção da identidade. Por meio de uma cinematografia que reforça a sensação de confinamento - com enquadramentos claustrofóbicos, contrastes de cor e uma montagem que alterna entre controle e caos -, a narrativa nos convida a refletir sobre os limites da autonomia e as tensões entre repressão e liberação.

Por fim, a grande questão que o filme nos deixa é: até que ponto nossas escolhas são genuinamente livres ou apenas reflexos das amarras que nos foram impostas? Enfim, ficamos com Freud (1924): “o masoquista encontra prazer no sofrimento, não porque goste de sofrer, mas porque esse sofrimento lhe assegura a satisfação de um desejo inconsciente” ou com Lacan (1985): “O sujeito se encontra alienado na cadeia significante e submisso ao desejo do Outro.”

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer** (1920). Rio de Janeiro: Imago, 1976. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII.

FREUD, Sigmund. **O problema econômico do masoquismo** (1924). Rio de Janeiro: Imago, 1974. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX.



BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal**: Ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução de Ana Izabel Paraguassu. Rio de Janeiro: Editora Sulina, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006

GIMENES, Roseli. Inteligência libidinal: cinema e literatura. In **Leitura Flutuante**, v. 10 n. 2 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/38723>. Acesso em: 11 fev. 2025.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). **O Discurso Cinematográfico: Opacidade e Transparência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 364-381.